

Aurora do Cávado

Premiada com o Grande Diploma de Honra na Exposição da Imprensa de 1898

QUINZENARIO LITERARIO, BIBLIOGRAFICO E POLITICO SEM POLITICA

Director, proprietario e editor: RODRIGO VELLOSO

<p><i>Redacção e Administração</i> RUA GOMES FREIRE, N.º 101-1.º LISBOA</p>	<p><i>Composição e Impressão</i> TIP. D'ANDRÉ J. P. & F.º, SUCESSOR VIANA</p>	
3.ª SÉRIE—N.º 64	LISBOA, 9 DE MARÇO DE 1913	35.º ANNO

ASPECTOS DA VIDA

Crença. Um convertido ou... um pervertido

Cada ano que se me tem volvido da vida, e numerosos, mui numerosos, são já êles, pois desde muito entrado á velhice, mais e mais me tenho firmado é robustecido nas crenças religiosas que bebi com o leite materno, tornando-se em mim mais intensas de dia para dia, e cada vez mais puras, desanuveadas e acrisoladas de preconceitos, credulidades e fanatismos.

Com assim succeder não tem por vezes, e muitas hão sido elas, deixado de travar-se no meu espirito agras e dolorosas lutas entre a fé e a duvida, mas tem aquella saído sempre triunfante das temerosas refregas.

Tendo-se-me deslisado a existencia em tempos, como os que ela tem atravessado, tam batidos e revoltos pelos vendavaes desencadeados pelo mais desvairado orgulho, impaciente e insofrido de todo e qualquer jugo, de qualquer dominação não só humana, mas ainda e até divina, de todo o ponto natural que eu me tenha visto mais ou menos baldeado e jogado, pelo turvado e alteroso marulho assim imprimido ao mar social, entre a crença e a descrença no sobrenatural.

Assim por vezes, e não poucas tem sido elas, repito, a minha fé nas

luminosas, santissimas e consoladoras doutrinas do Cristianismo, hão sofrido rebates, e, com quanto jamais derruida em seus basilares fundamentos, tem sido fortemente abalada e como que suspensa, mas dêsses tantos e tam intensos combates e desmaios no e do meu espirito—graças a Deus! — tem a final saído sempre subjugada e vencida a descrença.

E' que da continua e preseverante lição a que me tenho entregado, desde os tempos já tam distanciados da minha mocidade até oje, sobre tudo o que respeita á existencia de Deus e á suprema direcção por êle, sempre constante, nunca interrompida, de tudo o criado, se não hei colhido no campo experimental prova incontrôversa, tacteavel, de que o universo emanação de uma Inteligencia Superior, todas as maravilhas que nêle se me deparam, e sua tam completa e perfeita ordenação, me têm levado, por modo incontrastavel e irreprimivel, o espirito a formular inabalavel juizo de que todas elas não são, não podem ser efeitos tam só da virtualidade da Materia, da *Natura maturans*, mas sim determinação de um Espirito a tudo superior e de tudo dominador.

E' o que Virgilio, o animo luminosissimo que tantissimas irrefragaveis verdades consagrou em seus para sempre admiraveis poemas, bem definiu e concretizou no seu incontrôverso e radiante: *Mens agitat molem* «O espirito ajita—go-

1913
35
878

verna—, a materia». Assim o comprova tudo o que se passa em volta de nós, fóra das leis fataes impostas á materia, e de sua existencia e sucessivas transformações manutenedoras, e isso é tambem o que nós próprios, no nosso organismo, em todos os actos que da vontade dependem, bem verificamos.

Ora se assim é e se o «espírito», a «mente», a «inteligencia», governa a materia, como a todos os momentos o podemos e estamos apurando sem que até oje a ciencia, apesar de seu progredir incessante, e sempre avante em novas conquistas da liberdade sobre a fatalidade, tenha dado razão, motivo suficiente e certo de phenomenos a todos os momentos sucedidos no funcionamento do nosso ser, sob o ponto de vista indicado, como bem o fixou Flammarion no seu precioso livro *Les forces naturelles inconnues* (a) como pretender, com doida e inconsciente ousadia, e estranha loucura, negar o principio activo, o motivo, o agente de tantissimas outras cousas, de que não havemos tam perfeito conhecimento, com relação a factos que não obstante testemunhamos?!

Acabando de citar Flammarion e uma de suas obras mais sugestivas, não me parece fóra de proposito, o transcrever desta, como de todo o ponto a molde ao assunto sobre que estou, mui ao de leve, discorrendo, o seguinte periodo: «*Quant á la question psychologique de l'ame et á l'analyse des forces spirituelles, nous en sommes encore aujourd'hui au point où la chimie en était au tem-*

a) «Caminhamos—diz aí Flammarion—e o que é este acto organico? Ninguém o sabe. A minha vontade é um poder imaterial, todas as faculdades da minha alma são imateriaes; mas se eu quero levantar o meu braço, a minha vontade move a materia. Como succede isto? Qual é o mediador que serve de intermediario á ordem mental para produzir um efeito fisico? Ninguém poderá responder-me. Dizei-me como o nervo optico transmite ao pensamento a visão dos objectos exteriores! Dizei-me como este pensamento concebe, onde reside, e de que natureza é a acção cerebral!...

ps d'Albert le Grand. Nons ignorons. (b)

E' bem o caso de se dizer, com muito maior acerto, provocando-os, os sabios de hoje que negam tudo e que não alcançam compreender, apalpando-o, desbancando com suas duvidas todos os S. Tomés do preterito, o que Camões cometia aos do seu tempo:

Vejam agora os sabios na escriptura
«Que segredos são estes da natura!

Lembra ainda Flammarion no seu livro, e seja esta a ultima citação que dêle faço, contrariando para isso a vontade que muitas outras me estava pedindo, aos sabios presunçosos ao excesso de sua vã ciencia, ousando documentar com esta suas negações, o dizer tam prudente de Phedro, *Pericolosum est credere et non credere*—e acrescenta «Negar os factos á priori, é orgulho e tolice; aceital-os sem inventario, é fraqueza e loucura».

Seja como fôr, e sem maior proleidade, a fé em mim tem saído triunfante de todos os baldões com que por muitas vezes sacudida, e em vez de a arrefecerem os sucessos dos derradeiros tempos no nosso país, em que contra ela desencadeados os mais violentos tufões, cada vez mais e mais se me tem alentado, sendo-me escudo contra o tam turvo e tam asoberbante marulhar das ondas demagojicas, que ameaçam tragar, aniquilando-o, todo o seu passado, no que nêle havia de bom, sem que lhe substituam algo, o minimo, de compensações. Sobre as ruinas em que forcejam por soterrar—a fé, a esperança e a caridade—os tres radiantés faroes consoladores e seguros guias da humanidade, levantam a descrença, o desespero e o egoismo... Dolorosissimo e pavoroso!...

Invencivel, irresistivelmente fui instigado a escrever o que aí deixo lançado ao papel por artigo que li no

b) «Quanto á questão psicologica da alma e á analyse das forças espirituas, não estamos oje mais adiantados do que o era a quimica no tempo de Alberto o Grande. Ignoramos».

n.º 6 na *Limiana*, a apreciabilíssima revista literaria pontelimese, de que directores os srs. Julio de Lemos e Severino de Faria, numero correspondente a dezembro passado, agora vindo a lume; artigo êsse subordinado à epigrafe o *Dr. Freitas*, e firmado, de Coimbra, pelo sr. Dr. Alves dos Santos (Augusto Alves dos Santos).

Ao receber o dito n.º da *Limiana* desde logo lhe abri as folhas e percorri suas pajinas, sem as ler, com uma rapida vista de olhos, na satisfação da curiosidade a que me move sempre a recepção de um novo n.º da excelente revista, que em mui elevada conta tenho e muito considero. Chegado à sua ante-penultima pajina, satisfeita no mais intenso della aquela curiosidade, e indo para a pôr de parte, reservada para melhor, mas não espaçado ensejo, a lição atenta de seus artigos, deparei aí a epigrafe do aludido artigo, e como desde muito me acostumara a considerar em não pouco a valia e a memoria do finado Dr. Freitas, (Antonio Ignacio Pereira de Freitas) que sendo natural de Guimarães por bastantes anos clinicara em Ponte do Lima, como facultativo de seu partido municipal, e deixára nome de lucidissimo e cultivado talento, desisti do proposito formado de espaçar a leitura dêsse n.º da *Limiana*, ao menos com relação ao referido artigo, sujestionado por vivo e invencível interesse a desde logo tomar conhecimento do que aí se diria sobre o abalisado clinico.

Li o artigo primeira e segunda vez, e convenci-me de que êle não fôra intencionado por seu autor mais do que a servir de preambulo, visto não poder ser moldura, ao «Credo» com que fecha, e que aí é atribuido ao Dr. Freitas, dizendo-se escrito por seu proprio punho no final de um exemplar da *Profissão de fé dum naturalista* de Haeckel pelo mesmo Dr. Freitas oferecido ao sr. Alves dos Santos.

A oferta do tomo foi acompanhada, segundo no artigo tambem se lê, com as seguintes palavras:

«Um dia, disse-me êle:

—Sabe você uma cousa?

—Não sei; diga.

—Pois é verdade. Você julga-me ateu, mas sem razão.

—Eu não sou ateu...

(1)

—Olhe: Acabo de ler a *Profissão de fé dum naturalista*, de Haeckel, e nunca encontrei uma sintese que se harmonisasse tam intimamente com o meu modo de pensar.

«Vou fazer-lhe presentê do exemplar que possuo, anotado por mim, e peço-lhe que leia o *Crêdo* dum leitor que, no fim do livro, numa pagina sem composição, eu escrevi, pelo meu proprio punho.

«Depois dessa leitura, espero que você não continuará a chamar-me... ateu.»

Palavras a que o sr. Alves dos Santos acrescenta:

«E sorria o Dr. Freitas, com aquêl sorriso ironico, que lhe iluminava a mascara, quando falava dos milagres de Lourdes...»

Segue-se imediatamente ao mesmo artigo dando e justificando o motivo dêste, o seguinte periodo:

«Ora é esse *Crêdo*, até agora inedito, que eu ofereço hoje á curiosidade dos leitores da *Limiana*, como um presente de raro preço, pelo que nêle ha de subtilmente engenhoso e pelo que representa de fé inquebrantavel nas leis imutaveis da Natureza e no poder eterno, absoluto e misterioso do *Cosmos*».

A's transcrições que acabo de fazer, entendo necessario acrescentar ainda a do aludido *Crêdo* como indispensavel, além de curiosa e interessante, ao fim a que viso com este modestissimo mas bem sincero artiguelho.

CREDO

1.º Creio na existencia real do que se chama Matéria, constituida por uma substancia e dotada de uma Actividade que excede os limites do conhecimento.

— 2.º Creio que esta Substancia Activa é Deus.

+ 3.º Creio que a Substancia-Deus é Una em sua essencia, Eterna, Immortal, e que fôra d'Elle ha o Vacuo, isto é, o Nada.

— 4.º Creio que este Deus Substancial é reductivel a Atomos Activos ou Monadas Dynamicas, tangiveis e intangiveis, e que da actividade conjugada d'estes Atomos ou d'estas Mona-

das, resulta a Suprema Lei que determina todos os estados dos corpos, e toda a fenomenalidade do Universo.

— 5.º Creio que no Universo ha a considerar o Cahos e o Cosmos; o primeiro, constituido por Atomos ou Monadas ethereas, intangiveis, infinitesimaes, livres, dotados d'uma prodigiosa actividade, o segundo, constituido por Atomos ou Monadas tangiveis, mais ou menos sujeitos uns aos outros, dotados de uma actividade relativamente menor, cujo limite inferior é a Inercia, que allás nunca atingem.

— 6.º Creio que o Atomo ou Monada tangivel é um producto de evolução historica do Atomo ou Monada intangivel, como creio que o segundo é um producto de desagregação do primeiro; e que por tanto a *Vida Divina Universal* consiste n'isto: transformação eterna do Cahos em Cosmos e do Cosmos em Cahos, Incarnação eterna de Deus na Natureza e eterna Sublimação da Natureza em Deus.

— 7.º Creio que este Deus Natureza é Impessoal na grande maioria da fenomenalidade do Ether e da Materia cosmica, assim, como creio que elle é Pessoal nos supremos elos da Universal Evolução onde a fenomenalidade especial das cellulas nervosas na Terra, ou cousa equivalente nos Astros, fez apparecer a Consciencia, constituindo a sua complexa Personalidade a Somma de todas as consciencias de todos os seres superiores, de todos os milhares de milhões de mundos: a Consciencia Universal.

Amen.

Chegando aqui confesso franca, mas ao mesmo tempo dolorosamente, que me surpreenderam e magoaram tanto o artigo referido do sr. Dr. Alves dos Santos, como ainda o *Credo* do Dr. Freitas. Este — o «Credo» — por não me parecer digno e á altura do radioso intellecto do preclaro omem da ciencia, havendo a considerar sobre elle, e suas afirmações, para mais formuladas como um *acto de viva fé*, que tam incompreensivel se torna elle — ao menos para mim — quer na essencia quer na fórma que reveste, verdadeira e ultra-nefelibata algaravia em ambas, e loucamente» pois, aspirando a substituir o que de incompreensivel, como dogma há no *Credo* cristão. Aquêle o «artigo», por ser saído da penna de um filho da formosissima Ponte do Lima, educado nas mais santas crenças e puros doutrinamentos cristãos, ordenado antistite da religião selada no alto do Golgota, e outr'ora, não há muito ainda, que até 5 de outubro de 1910, ou pouco mais, lente de Teologia na Universidade de Coimbra...

Como é que em tam curto lapso de tempo um omem de fé, de ciencia,

de devotada dedicação politica á monarchia, quer primeiramente, como filiado no partido progressista, quer posteriormente no rejenador, abjura de seus principios politicos, de modo a logo em seguida a êsse 5 de outubro ser nomeado secretario do presidente do Governo Provisorio, o sr. Dr. Teofilo Braga?!. . . e como é ainda que fervoroso catolico, panejrista de Hintze Ribeiro em seus funeraes, lente de Teologia, no mesmo rapido «esfregar d'olhos do diabo», lança o latim ás ortigas, e sacrifica suas crenças relijiosas ás doutrinas de Hæckel, renegando atrevida e jubilosamente o seu passado, e de seu prejuro vindo fazer gala em revista literaria alevantadora de sua patria, e em como que desafio ás crenças cristãs pontelimenses, e de todo o Minho, atirando lhes ás faces com o *Credo* tam irritante, atribuido ao Dr. Freitas e que para onra de sua memoria melhor era não ter vindo a lume?!

A que transformações não se vê obrigado, vencido e sujeito o omem, devorado pela «carne», o primeiro, apesar de ser o ultimo, entre os inimigos da alma, que sem elle nenhum dos outros, até sob o ponto de vista puramente cristão, com eficacia e dominio em todas as suas multiplas exigencias, e para a estas dar satisfação?!. . .

Acodem-me neste momento á reminiscencia e por tal modo me suggestionam as palavras que ainda não há muito li em livro do sabio e eloquenté Unamuno, que, por suspeito não pôde ser no caso, *Contra esto y aquello*, que não posso deixar de transcrevel-as:

«O certo é que o elemento mais genuino e eficazmente revolucionario, isto é, progressista, a mola mais energica de todo o progresso é o entusiasmo relijioso, é a fé, e o elemento mais genuina e eficazmente conservador, quando não reaccionario, a remora maior de todo o progresso espirital, é o sentido racionalista».

«Calunias gratuitas e absurdas

contra Cristo e o cristianismo só têm conseguido achar assento entre as pessoas profundamente ignorantes do que é e do que significa o Cristo, e que jamais se deram ao trabalho de lêr, com atenção e sem preconceitos, os Evangelhos, e que crendo-se genios, não pouco massudos, e afigurando-se terem almas de leão, não passam de ser uma legião de borregos...»

Fevereiro, 1913

RODRIGO VELLOSO



Aspectos literarios

Propaganda Popular I. A escola sem Deus por José Agostinho.

Com *A Escola sem Deus*, um precioso estudo saído da penna do sr. José Agostinho, acaba a Casa Editora do Antonio Figueirinhas, do Porto, de encetar uma nova «Coleção» de publicações educativas, proseguindo assim, mui a primôr, a obra tam grandemente meritoria que tem sido o primeiro e o mais acrisolado objectivo da sua fundação e existencia, — a difusão da educação pelo povo, — missão altamente simpatica e benemerita, em que lhe tem sido um dos mais assiduos, ardentes e prestimosos colaboradores o sr. José Agostinho, o indefesso e afanoso escritor, verdadeiro poligrafo no sentido mais amplo e concreto do termo, cuja operosa virtualidade como «jornalista, romancista, poeta, critico,—bem a assinalou o sr. Candido de Figueiredo,—é verdadeiramente assombrosa pela tenacidade e multiplicidade de seu trabalho».

Nos breves periodos com que o radiante escritor «Antes de começar» precede êste seu ultimo escrito—*A Escola sem Deus*—faz o sr. José Agostinho nôbre, levantada e afanosamente; sobretudo se em atenção se tiverem, para assim se afirmar, os ominosos e desassisados tempos que no ossso país vae tam dolorosamen-

te atravessando, a sua profissão de fé na eterna e gloriosa Igreja de Jesus Cristo, e ao mesmo tempo bem determina e frisa que na «Propaganda Popular» escreve para o Povo, combatendo, com o doutrinar em seus direitos e deveres, em prôl da nacionalidade portugûesa, tendo por nôrma dos ensinamentos, que comete, a Fé, a Ciencia e a Liberdade, a trindade santissima base unica e segura da Democracia pura.

Assim norteado não poderia o sr. José Agostinho dar melhor e mais sujestionante e meritorio começo ao profissionalamento que intenciona difundir com a «Propaganda Popular», do que aquêle com que a inicia *A Escola sem Deus*, visto que é na escola que o omem, na alvorada de sua existencia, após as lições maternas, e simultaneamente com estas, principia a preparar-se, pela instrução e educação, para, apercebido o melhor que o possa ser, poder entrar á vida social e aí, em luta incessante, custosa e muitas vezes amargamente dolorida, conquistar lugar que satisfaça, no possivel, ás necessidades e exigencias de seu corpo e de seu espirito.

E do amoldamento, da orientação que o omem na escola recebe, em grande, na maior parte, é que dependem seus destinos futuros.

Ora como a primeira pedra basilar, e o seguro fundamento de toda a instrução e educação é, segundo o pensar do sr. José Agostinho, o meu e da grandissima, da maior parte, da humanidade, e de numerosissimas, incontaveis, individualidades que nela se têm levantadamente destacado, a crença em Deus, como alicerce indispensavel e insubstituivel da vida, assinala e justifica o preclaro escritor essa crença intensa e acrisoladamente doutrinada na escola, como sendo a que dá vida e acendramento a todos os outros ensinamentos aí professados.

Na *Escola sem Deus* não são tam sómente trazidos a pêlo e, em demonstração das afirmativas aí feitas, invocados os argumentos que para isso fornece a fé, e são valiosos, mas ainda os muitissimos com que

a Razão documenta a crença em Deus e a uns e outros, como coroamento e benção da racionalidade destes e até de sua imprescindibilidade, ao pensamento acode irresistivelmente o dizer do proprio Voltaire de que — se não houvesse Deus, seria necessario invental-o—.

Sobre isto expõe e desenha com suas negras, mas verdadeiras tintas, os maleficios e perniciosissimos resultados que a sociedade tem colhido das escolas puramente laicas em toda a parte em que elas estabelecidas.

Não acompanharei eu o sr. José Agostinho, passo a passo, e minuciosamente, em todo o decorrer do seu trabalho, ainda que bem merecedor êle de assim se fazer, pois que o intental-o e pretender realizal-o me levaria mais lonje do que o tempo e o espaço de que para esta noticia disponho m'o permitem, e por isso ao que deixo escrito, tam só acrescentarei que a *Escola sem Deus* é em todo o seu decurso animada por um espirito lucidissimo, de intensa cultura, e sobre tudo isto, de uma inabalavel e comunicativa convicção.

Todo o meu inteiro aplauso lhe rejisto eu aqui.

O seu custo — constituindo um tómosinho de 63 pájinas é de 50 reis e seu deposito geral na antiga e acreditada Livraria Portuense de Lopes. & C.^a, Rua do Almada 119 a 123, Porto, e o deposito em Lisboa nas Livrarias Ferreira e Brasileira, ambas na rua do Ouro.

RODRIGO VELLOSO

(a) Desde alguns mezes traçada esta modestissima noticia, só agora logra vir a lume encontrada como tem sido para assim succeder, por uma verdadeira odissea de contrariedades. Seja isto desculpa para seu tardio aparecimento.



Se se lançasse um imposto sobre o espirito, ninguém quereria ser isento dêle.

Sousa Viterbo. Com artigos de jornal

Quando foi da entrega a Sousa Viterbo, pela Associação dos Archeologos e Architectos Portuguezes, da medalha d'ouro que por esta lhe fôra conferida, como testemunho do elevadissimo apreço em que tidos e considerados os trabalhos do altissimo escritor ás artes, comprehendidas nestas a archeologia é a architectura, na sessão preliminar a essa entrega, em breves palavras procurei eu frisar que Sousa Viterbo, além de por sua numerosa, valiosa e opulentissima obra literaria, quer condensada em livros quer dispersa por muitas revistas, devendo contar-se como um dos primeiros e mais preclaros entre os nossos escritores, tambem em muito deveria ser tido e considerado como jornalista, colaborador de folhas diarias, por cujas pajinas a mãos largas espalhára preciosos artigos, frutos de seu radio-so talento e de seu muito saber, orientados nos seus mais nobres ideaes e visando a instrução e educação sociaes, de todo o ponto alheios e estranhos a paixões politicas.

Ao mesmo tempo que, sob êste aspecto, encarava a verdadeiramente prodigiosa actividade do insigne poligrafo, lamentei que todos êsses seus artigos, ou o que fosse havido como escol dêles, não tivesse sido ou não viesse a ser reunido em volume em que lhes fosse dada e consagrada a longa vida que bem mereciam por sua excelencia, substituida á bem precaria que não podiam, naturalmente, deixar de ter no jornalismo periodico.

Ainda bem que os votos que essa minha lamentação implicava, acabam de ser atendidos, se não no todo, em parte, e a mais valiosa, pela Empreza do *Diario de Noticias*, editando ultimamente, e lançando ao mercado literario, cem dos referidos artigos, todos sacados das pajinas daquêle, em que Sousa Viterbo durante muitos anos colaborara assiduamente.

Assim reunidos em tomo, e or-

denados em diversas secções, taes e tantas quantas as demandadas pelos assuntos nêles versados, é que bem se pôde medir e aquilatar o subidissimo merito de cada um dos mesmos artigos em separado, e sobretudo em seu conjunto, e bem compreender o relevantissimo serviço prestado não só á memoria de Sousa Viterbo, mas ainda ao país, com a publicação dêles feita.

Para mim, em cujo animo tam funda e impressionantemente haviam calado os estudos, porque realmente o são, abordados e compulsados nêsses artigos, quando pela primeira vez vindos a lume, sobre ser-me gratissimo o ver realizado um dos meus mais fervorosos anelos literarios, foram êles, agora relidos e cotejados entre si, na correlação mais ou menos intima que entre si têm, não só com relação aos assuntos a êles avocados mas ainda quanto á ideia e ao mobil que presidiu á sua elaboração e publicação, uma como que surpresa de cousa inteiramente desconhecida para, e como tal, duplamente me enleiraram pela novidade, pela essencia que os constitue e pela fôrma por que esta revestida.

E devo dizel-o, que com fazel-o rejisto ente da minha razão, que na minha devoção e admiração ainda pela memoria de Sousa Viterbo, e por sua proeminente e preeminente obra literaria e patriótica, em muito ficarão pesando, acrescendo-a, enaltecendo-a, acrisolando-a, êsses *Cem Artigos de Jornal*, parecendo-me bem, e tendo-o para mim por seguro, que não será êste livro dos menos apreciados do seu vastissimo e luminoso espolio, e quero até bem crer que de todos êles será o mais manuseado e consultado, como de leitura ao extremo variada e sempre instructiva, vasto repositório, como aliás o é a maioria de seus trabalhos, de noticias interessando de perto e intimamente ao glorioso passado de Portugal, e a sua educação no presente e para o futuro.

Os cem artigos reunidos neste tomo, para êle foram seleccionados e colijidos com a sua incansavel e sem-

pre fervorosa dedicação filial, que em todos os tempos seria para admirar mas que ôje o é mais do que nunca em muito diminuidos como estão elassos os laços de familia, pela sr.^a D. Sophia de Sousa Viterbo, que, em esta sua afamosa mas gratissima lida, mais um testemunho deu de sua devoção filial e de seu ponderado e elevado criterio literario.

Com sua publicação a Empresa do *Diario de Noticias* teve em vista dous fins, ambos êles para unanimes e incondicionaes aplausos, quaes o de ser por êste prestada omenagem especial a um de seus mais preclaros colaboradores, e o do producto integral de sua vendagem ser aplicado ás despezas da fundição em bronze do busto do conspicuo escritor, modelado pelo escultor, sr. Francisco dos Santos, para a sala das sessões da Associação dos Archeologos e Architectos Portuguezes no museu do Carmo, visto que a camara dos Senadores «entendeu» não dever aprovar o projecto de lei votado na dos Deputados, auctorizando o Estado a ceder o bronze necessario para êsse busto e a mandal-o fundir por sua conta.

Essa votação da camara senatorial ficará constituindo nos anaes parlamentares do nosso país caso sobremodo curioso, e ao mesmo tempo pajina bem lamentosa, documento tristissimo, sobre tantos outros já pela mesma camara dados, da incompreensão da alta missão que lhe incumbe desempenhar no nosso meio social.

Seria longo, e ainda que não desapropositado o deixar eu aqui rejistado, que nunca será de mais o fazel-o, para labeo dos que cometeram a nefanda torpeza, o como as cousas se passaram no conspurcante caso, mas furto-me a fazel-o, para não alongar muito êste novo e sinjelissimo preito de culto a Sousa Viterbo, sendo, porém, bem possivel que em outra ocasião ao inqualificavel facto consagre artigo especial.

Demais, em «apostila» final aos *Cem Artigos de Jornal*, vem trasladadas as peças principaes do «processo», acompanhadas do artigo que

sobre o facto salu no *Diario de Noticias*, imediatamente a rejeição do referido projecto de lei. Não deixarei, porém, a despeito do que fica escrito, de mencionar aqui os nomes dos Senadores que constituindo a Comissão de Finanças da Camara dos Senadores, por unanimidade formulou e firmou parecer contrario a aprovação feita pela Camara dos Deputados do referido projecto! São elles: José Maria Pereira, Alfredo Botelho de Sousa, Tomás Cabreira, Isidoro de Magalhães Basto e José Nunes da Mata, este o interessantissimo, o unico, o nunca assás memorando senador, uma das mais invejáveis e puras glorias do nosso país —cultor insigne de fusos, colmeias e favos, termometro subtil da temperatura em S. Bento, frequentador assiduo dos

... vastos Intermundios de Epicuro
O grão país... das Quimeras

e almirante Bera da nossa armada...

No prefacio com que o sr. dr. Alfredo da Cunha precede os *Cem artigos de Jornal* foram inseridos, e aqui a pélo, alguns dos mais famosos periodos do primoroso «Elogio» de Sousa Viterbo por elle lido em 31 de dezembro de 1911 na Associação dos Archeologos e Architectos Portuguezes, e pena é que o não fosse em seu todo, que bem apropriado o lugar e o ensejo para se fazer. A êsse prefacio segue-se o excelente e justo artigo comemorativo do falecimento do insigne escritor, saído no *Diario de Noticias* imediatamente a êsse lugubre e pranteado successo, em 30 de dezembro de 1910.

Os *Cem artigos de Jornal* constituem volume em quarto pequeno de 266—VIII paginas e o seu custo é de 1:000 reis.

Janeiro de 1913

RODRIGO VELLOSO



O que é que se não faz aceitar
com um pouco de incenso!

Luiz Correia Caldeira

Flores da Biblia

(Continuação)

Assim os monumentos levantados
No seio ardente do arido deserto,
A face altiva e a fronte já queimada
Erguem aos Céus em que a tormenta brame;
D'encontro ao rosto seu o raio estala,
Ronca o trovão, e as tepidas arêas
Passam em turbilhões varrendo as nuvens.
Esses immoveis, impassiveis sempre,
Vêem em torno a si crescer o estrago,
Vêem no chão juncado de ruinas
Rojar as construcções pedra por pedra,
E, genios immortaes da Libya ardente,
Em pé no mundo, a eternidade sondam!

Desde Moysés, quantas nações cairam
Nos abysmos do mudo esquecimento,
Sem na terra deixar um tenue rasto
Do antigo poder! Guarda-se apenas
Da sua ostentação e poderio
Vaga lembrança na memoria humana!
Cairam Babilonios e Fenícios,
Medos, Assyrios, e Chaldeus famosos
Viram seus nomes apagar da historia,
Com seu vasto poder. — Barbaros povos,
De seus restos mortaes mexendo as cinzas
Entre si os despojos repartiram!

E os judeus sómente sobrevivem
Entre os desastres dos Imperios Todos;
Em vão da terra de seus paes exilados
Pisam do exílio a trabalhosa senda;
Em vão Roma soberba esmaga e arrasa
Os muros de Sião! Humildes sempre
Ao sopro do Senhor, elles s'espalham
Da terra na extensão! — A morte sua
Só do Céu pôde vir, sabe elle quando!
E quanto a seu caminho o mundo inteiro
A seu errante passo está patente!

Resta-lhe um livro só, e nesse livro
S'encerra o seu porvir, e seu passado;
Alli a gloria sua se desdobra
Alli se vê a miseranda sorte
Dos filhos seus na senda do futuro!
Nas longas horas d'amargura acerba
Que o destino fatal lhes verte a rojos,
Nas folhas inspiradas desse livro
Vão lagrimas beber, que refrigeram
O peito exausto, e os olhos já cansados
Do pranto secular que corre ainda.
Que amargas sensações, que dôr pungente
Devem rasgar o seio desse povo
Outr'ora rei, outr'ora conduzido
Pela mão do Senhor!

Agora escravo,
Opprobrio e maldição pesam sobr'elle,
Envolto em sua dôr vaga no mundo,
E em toda a parte o grito dos Profetas
Seu fado triste sem cessar repete!

(Continúa)